

A princesa que renasceu das cinzas

Era uma vez uma garota que tinha um sonho. Não era ser princesa do Brasil. "Eu era muito apaixonada por cinema e queria que o cinema nacional não acabasse", conta Carla Camurati. Só que isso era no início dos anos 1990, e ele andava muito mal das pernas. "Mas eu ia fazer o que fosse necessário, um sentimento quase infantil. Decidi fazer um longa", recorda.

E eis que, por algumas horas em 1995, 1,4 milhão de brasileiros deixaram de ouvir "Always" do Bon Jovi no rádio e de tentar descobrir quem era o assassino de "A Próxima Vítima" e fizeram algo que não faziam há muito tempo: foram ao cinema ver um filme nacional. "Carlota Joaquina - A Princesa do Brasil" não se tornou um marco simplesmente por existir. A cinematografia nacional estava quase, mas não totalmente, morta. "Eram menos de cinco filmes por ano. Em 1991, foi apenas um", detalha a diretora da **Ancine Rosana Alcântara**. O problema é que quase ninguém ia vê-los.

"Carlota" se tornou o "marco inicial da Retomada" porque, pela primeira vez em muitos anos, o público quis ver um filme brasileiro. "Quando ele fez aquele sucesso, foi como um banho de esperança de algum dia eu poder vir a fazer um longa", confessa Fernando Meirelles, que havia abandonado o sonho do cinema pela TV na época.

De lá para cá, foram 20 anos, mais de 1.123 longas e um enorme investimento público que transformou uma ficada de uma noite em um relacionamento estável. E mais que pelo simples sucesso, "Carlota" se firma ainda hoje como uma referência porque já continha em si vários dos elementos que determinariam essa história recente do cinema brasileiro: o apelo da comédia, um olhar ácido sobre o país, a ousadia

e a onipresença de jovens diretores estreados.

Reciclável. Não que isso tenha sido fácil. Para começo de conversa, o longa foi realizado uma semana de cada vez. "A gente filmava uma semana, parava e eu mostrava o resultado para os patrocinadores me darem mais dinheiro", explica Camurati. Isso durou por oito meses, num total de seis semanas de filmagem.

Enquanto Carla corria atrás de dinheiro, a equipe reciclava figurinos e sets que não seriam mais usados, transformando-os em outros novos. "Carlota" foi o primeiro filme sustentável do Brasil", ri a diretora. O catering do set era feito pela cozinheira da diretora. "Era uma delícia, todo mundo adorava", ressalta Camurati.

O orçamento total do longa foi de R\$ 500 mil - dos quais apenas R\$ 100 mil vieram do governo, por meio de um edital de roteiro da Finep. É importante ressaltar que, em termos de produção, isso valia ainda menos na época do que parece hoje. "Não tinha a facilidade das câmeras digitais, nem a distribuição e a divulgação eram como hoje, tudo pela internet. A gente ainda estava muito condicionado a ter acesso a câmeras, laboratório, negativo. Era tudo caro", explica o cineasta Beto Brant que, na época, preparava seu primeiro longa, "Os Matadores" (1997), com o financiamento do edital de Resgate do Cinema Brasileiro do **Ministério da Cultura**.

Para a crítica e editora do site Cineweb Neusa Barbosa, que já cobria cinema na época, assumir e tirar o melhor proveito dessa precariedade de meios de produção foi um dos grandes trunfos de "Carlota". "Os atores, como Marieta Severo e Marco Nanini, salvam muito

essa precariedade com seu talento histriônico. E naquele momento, era a hora certa de satirizar o poder vigente. O Collor foi um presidente patético", ela recorda.

Mesmo achando que não se trata de um grande filme, o crítico Marcelo Miranda concorda que essa irreverência política é o que fez "Carlota" funcionar tão bem. "Tem um deboche, um jeito mambembe de falar dos personagens e uma caricatura das figuras de opressão que desembocariam muito no Guel Arraes. E naquele momento em que o Brasil não era visto como um país sério, o 'Carlota' serviu de ponte para que o público se reconectasse com a própria nação na tela", analisa.

Ciclos. Em comparação com os percalços de Camurati, segundo dados da **Ancine**, somente no primeiro semestre de 2015, o programa **Brasil de todas as telas** já liberou R\$ 600 milhões em investimentos. Em 2013, foram R\$ 184 milhões em recursos captados. Em 2014, R\$ 252 milhões - um aumento de 37%. Entre 2008 e 2011, antes do atual boom da TV paga, a indústria **Audiovisual** cresceu, em média, 9% ao ano, acima do Produto Interno Bruto do país. Hoje, ela contribui com 0,46% do PIB - o que pode parecer pouco, mas é mais que a indústria farmacêutica, por exemplo. "A cadeia **Audiovisual** é uma das únicas que ainda não apresenta desemprego no Brasil", destaca a diretora **Rosana Alcântara**.

Mais que os números, porém, todos os entrevistados concordam que o grande diferencial da produção nacional hoje é outro. "Carlota" deu início a uma onda de filmes históricos. "Central do Brasil", em 1998, lançou a moda dos longas de sertão. "Cidade de Deus", em 2003, os filmes de favela. Hoje, essa ideia de ciclo ou moda, junto com a de "Retomada", não existe mais.

"É indiscutível que, tecnicamente, os filmes brasileiros melhoraram muito, igualando a produção de qualquer parte do mundo. Mas creio que a diversidade de temas seja a grande característica deste novo momento para a nossa cinematografia", sintetiza Fernando Meirelles, cujo "Cidade" encerra, segundo a maioria dos críticos, a chamada Retomada. "Se você está dirigindo, depois da primeira marcha, o carro não está arrancando mais. A Retomada foi um período convencionado que acabou", pontifica Marcelo Miranda, que começou a cobrir cinema na época desse encerramento.

Longas tão diversos como "Casa Grande", "O Lobo Atrás da Porta" e "Sangue Azul" comprovam isso e contestam a ideia preguiçosa de que o besteiro dominou a produção nacional. E mesmo a pioneira a fazer o cinema brasileiro rir por último, e rir melhor, não acha que essa alegria seja um problema. "O humor não pertence a mim, nem a ninguém. Ele pertence à alma brasileira. O Brasil se alimenta de alegria", filosofa a garota que escreveu, com um sonho, seu nome na história do cinema nacional.